

**“UTOPIA ARCAICA” OU “UTOPIA ANDINA”? A MODERNIDADE
PRESENTE NO DISCURSO INDIGENISTA-SOCIALISTA NA REVISTA
AMAUTA (1926-1930).**

Bruno Batista Bolfarini

Universidade Federal do Espírito Santo

brunobolfa@gmail.com

Resumo

Neste trabalho propomos uma discussão acerca da revista *Amauta*, que diz respeito a como o movimento indigenista peruano da década de 1920 foi visto, se como propagandista de um ideal chamado de “Utopia Arcaica” ou se foi movido por um ideal de “Utopia Andina” e traremos uma leitura alternativa de que a geração de intelectuais peruanos que se reuniu em torno do projeto desta revista teve um ideal de modernidade.

Entendemos que a concepção que esses intelectuais tiveram acerca do indigenismo e do socialismo foram fruto tanto dos acontecimentos locais como dos mundiais, pois, as interpretações que elaboram acerca da história peruana foram influenciadas pela experiência das rebeliões indígena-campesinas que eclodiam na Serra peruana, assim como pela expectativa que tinham de um horizonte revolucionário. Para isso, mostraremos, através das noções de campo de experiência e de horizonte de expectativa de Reinhart Koselleck, que o projeto político desses intelectuais de unir o indigenismo com o socialismo, teve por mote um ideal de modernidade.

Palavras-chave: Amauta, Utopia, Modernidade.

Neste trabalho propomos trazer uma questão surgida na minha dissertação de mestrado e que será desenvolvida durante a pesquisa de doutorado. Ao analisar o discurso indigenista socialista nos números da revista *Amauta*¹, percebemos um mote histórico: uma pretensa reconstrução/construção de uma tradição nacional baseada no “resgate” do

¹ A revista *Amauta* foi criada pelo intelectual peruano José Carlos Mariátegui (1896-1930) em 1926. Ela foi publicada pela Editora Minerva e circulou até 1930 somando-se um total de 32 volumes.

passado incaico, a qual, entendemos, que foi mais guiada por um ideal de modernidade do que por um ideal utópico de restauração do incásico - chamado pelo historiador peruano Alberto Flores Galindo de “Utopia Andina” e pelo escritor Mario Vargas Llosa de “Utopia Arcaica”. Dessa forma, pretendemos propor que nas páginas da revista *Amauta* - principal veículo de difusão e de debates de ideias dessa corrente estético-político indigenista² – podemos entender o impacto da modernidade através das noções de campo de experiência e horizonte de expectativa de Reinhart Koselleck nesse movimento de construção de uma tradição nacional peruana baseada nos elementos autóctones.

No conceito de “Utopia Andina”, Flores Galindo propõe que há uma ideia de um homem andino inalterável no tempo e com uma totalidade harmônica de traços comuns que expressam uma história imaginada ou desejada e não a realidade de um mundo fragmentado. Nesse sentido, define “Utopia Andina” como:

[...] es los proyectos (en plural) que pretendían enfrentar esta realidad. Intentos de navegar contra la corriente para doblegar tanto a la dependencia como la fragmentación. Buscar una alternativa en el encuentro entre la memoria y lo imaginario: la vuelta de la sociedad y el regreso del inca. Encontrar en la reedificación del pasado la solución de identidad. (FLORES GALINDO, 1994, p. 17).

A ideia do regresso do inca não apareceu espontaneamente na cultura andina, como uma simples resposta à dominação colonial, mas estaria presente em uma memória histórica que reconstruiu o passado incaico como alternativa para o presente. Aí residiria o caráter distintivo da “Utopia Andina” em relação às outras utopias que buscavam um mundo imaginário sem referência a uma situação concreta, pois o mundo ideal não estava fora da história, foi um acontecimento, teve seu espaço e seu tempo. Contudo, o conteúdo histórico da construção dessa utopia – o passado incaico, foi alterado para trazer a ideia de um passado de justiça, sem fome e sem exploração (Cf. FLORES GALINDO, 1994, p. 22-39).

² O indigenismo peruano no início do século XX teve diversas vertentes, neste trabalho estamos focando nas vertentes que tiveram mais destaque na revista *Amauta* – a primeira vertente, denominada pela historiadora Fernanda Beigel (2015) de “indigenismo revolucionário” foi um movimento estético e político que juntou a reivindicação da tradição indígena com o socialismo, tendo como um dos principais expoentes José Carlos Mariátegui; já a segunda vertente foi o indigenismo cuzquenho, que teve um caráter mais exclusivista em relação à tradição andina, sendo mais tributária do ideal de restauração do incásico. Teve por principal expoente o antropólogo e escritor Luis Valcárcel. (Cf. BOLFARINI, 2017).

A “Utopia Andina” mais do que um esforço para entender o passado, oferecendo uma alternativa ao presente, seria também uma construção que vislumbra o futuro, anunciando que algum dia a atual ordem chegará ao fim e se iniciará uma nova era (FLORES GALINDO, 1994, p. 59).

Podemos dizer, seguindo o exposto por Flores Galindo, que o movimento indigenista peruano dos anos 1920 foi tributário desse ideal, pois esse mundo fragmentado foi a forma como a sociedade peruana foi retratada pelos intelectuais indigenistas, entre eles José Carlos Mariátegui. Uma sociedade cindida étnica e geograficamente, entre *criollos*³ e índios e entre Costa e Sierra, que teve a Conquista espanhola como a catástrofe que destruiu o que foi idealizado e representado como uma sociedade harmônica.

Diferentemente de Flores Galindo que enxerga na “Utopia Andina” um ideal histórico, o escritor peruano Mario Vargas Llosa entende que essa referência não é histórica, mas sim, ideológica e mítica. Pois para que fosse possível compreendê-la como um ideal utópico de justiça e igualdade, teria que se eliminar os sacrifícios humanos, subjugação de povos e a crueldade dos incas, isto é, eliminar a história inca. Então:

Además de ideológica y mítica, esta utopía es profundamente occidental. Ella debe, mucho más que a los testimonios de las crónicas y otras fuentes documentales sobre la vida prehispánica, a la tradición utópica clásica y renacentista de la que la que nutrió el Inca Garcilaso de la Vega, a quien el propio Valcárcel reconoce como fundador de la utopía arcaica peruana. (VARGAS LLOSA, 1996, p. 171)

Para Vargas Llosa, essa visão idílica do passado incaico que permeou os discursos indigenistas a partir da década de 1920 era na verdade uma “Utopia Arcaica” que vislumbrava, em um “*telos*”, a inversão da ordem estabelecida com o surgimento de uma sociedade onde o dominado subiria ao poder e submeteria os antigos dominadores, foi, portanto, um ideal conservador que teve por principal característica o rechaço à sociedade capitalista e à civilização ocidental, isto é, à modernidade (Cf. VARGAS LLOSA, 1996).

Faz-se importante pontuar duas compreensões acerca da noção de “Utopia Arcaica”. Em primeiro lugar, percebe-se o uso da palavra Arcaica de forma crítica ao ideal indigenista - ideário reacionário e conservador (características, aliás que podem ser

³ Utilizamos o termo em espanhol pois tem uma conotação diferente do termo em português. (N.A.).

vistas nas críticas que os intelectuais indigenistas que escreveram na *Amauta* apontavam na tradição *criolla* hispanista). Em segundo lugar, é que o termo Arcaico reflete um paradoxo desse ideal utópico que rechaça o ocidental valorizando o autóctone como expressão nacional, mas que não deixa de ser um ideal clássico ocidental.

No deja de ser paradójico que una ideología tan agresivamente nacionalista y maniquea como el indigenismo, que funda toda su reivindicación de la cultura y la raza aborígen en el rechazo global de lo europeo, tenga sus raíces en remotas leyendas griegas y latinas reactualizadas por el humanismo renacentista italiano y anglosajón [...]. Ella se apoderó de América, sobre todo a partir del siglo XVIII, época fascinada por lo exótico y las teorías rousseauístas del ‘buen salvaje’ corrompido pela civilización. Así llegó hasta el llamado Nuevo Mundo, donde se aclimató y metabolizó en manos de intelectuales, artistas y literatos empeñados en afirmar su singularidad y la especificidad cultural americana. (VARGAS LLOSA, 1996, p. 172-173).

Desse modo, o ideal utópico de restauração do incásico presente nos discursos indigenistas é apontado por Vargas Llosa como uma ideologização de uma literatura que, inspirada em uma tradição greco-latina, durante o humanismo renascentista teve o utopismo como gênero literário. Contudo, para Flores Galindo (1994, pp. 22-23), o ideal de “Utopia Andina” remeteria a um afã persistente nas sociedades camponesas europeias de um lugar onde não existiriam diferenças sociais e estaria associado à concepção cristã milenarista. Apesar da carga imaginária que esse ideal de “restauração do *Tawantinsuyo*”⁴ presente em uma tradição histórica de levantes camponeses, assim como na literatura, a “Utopia Andina”, não remete para um lugar imaginário e fora da História, mas para um período histórico anterior à conquista, então:

La idea de un regreso del inca no apareció de manera espontánea en la cultura andina. No se trató de una respuesta mecánica a la dominación colonial. En la memoria, previamente, se reconstruyó el pasado andino y se lo transformó para convertirlo en una alternativa al presente. Este es un rasgo distintivo de la utopía andina. La ciudad ideal no queda fuera de la historia o remotamente al inicio de los tiempos. Por el contrario, es un acontecimiento histórico.” (FLORES GALINDO, 1994, p. 39).

Assim, se por um lado, a literatura, ao difundir esse ideal, desde os escritos de Garcilaso de la Vega e de Guaman Poma até os de Luis Valcárcel e de José Maria Arguedas, fez um trabalho que contribuiu para a construção de uma tradição nacional que teve no ideal de volta/restauração do incásico a expectativa de rompimento com a

⁴ Antiga unidade administrativa que correspondia ao domínio inca. (N.A.).

sociedade colonial, por outro, nos parece claro que se trata de um movimento histórico que idealiza um passado projetando-o para o futuro.

Ao analisar as concepções elaboradas tanto por Flores Galindo quanto por Vargas Llosa acerca da presença desse ideal “utópico” no discurso indigenista dos anos 1920, podemos, então, entendê-lo como uma projeção para o futuro desse passado, no sentido de permanência de uma memória histórica refletida no ideal do incásico, como construção de uma nova tradição nacional, e foi nesse projeto estético e político que a *Amauta* teve importância para geração intelectual peruana da década de 1920.

Fundada em 1926 por José Carlos Mariátegui, a *Amauta*, canalizou em suas páginas os diferentes fluxos ideológicos e culturais que despontavam no Peru – o indigenismo e o socialismo. Ela foi o veículo de expressão da vanguarda indigenista peruana, que defendeu um projeto cultural alternativo que uniria o que considerava expressões da modernidade ocidental com a tradição autóctone peruana, visando romper com uma expressão cultural *criolla*.

Apesar do seu projeto estético-político ter tido uma clara orientação indigenista, na *Amauta* também podemos encontrar textos relacionados a outros movimentos de vanguarda na Europa e à situação geopolítica mundial. Em sua concepção, a revista não pretendeu ser apenas um instrumento de conscientização política no contexto de difusão do indigenismo e do socialismo, mas principalmente de conexão dessa renovação estético-política peruana expressada por uma vanguarda intelectual revolucionária com as vanguardas latino-americanas e socialistas. Isso pode ser percebido no artigo que Mariátegui escreveu por ocasião do lançamento da *Amauta*.

Mi esfuerzo se ha articulado con el de otros intelectuales y artistas que piensan y sienten parecidamente a mí. Hace doce años, esta revista habría sido una voz un tanto personal. Ahora es la voz de un movimiento y de una generación. [...]. El título preocupará probablemente a algunos. Esto se deberá a la importancia excesiva, fundamental, que tiene entre nosotros el rótulo. No se mire en este caso a la acepción estricta de la palabra. El título no traduce sino nuestra adhesión a la Raza, no refleja sino nuestro homenaje al Incaísmo. Pero específicamente a la palabra “Amauta” adquiere con esta revista una nueva acepción. La vamos a crear otra vez.

El objeto de esta revista es el de plantear, esclarecer y conocer los problemas peruanos desde puntos de vista doctrinarios y científicos. Pero consideraremos siempre al Perú dentro del panorama del mundo. Estudiaremos todos los grandes movimientos de renovación políticos, filosóficos, artísticos, literarios, científicos. Todo lo humano es nuestro. Esta revista vinculará a los hombres nuevos del Perú, primero con los de los pueblos de América, en seguida con los otros pueblos del mundo.

Nada más agregaré. Habrá que ser muy poco perspicaz para no darse cuenta de que al Perú le nace en este momento una revista histórica. (MARIÁTEGUI, 1926, p. 3).

No campo de batalha ideológico que a década de 1920 se apresentou na América Latina, a *Amauta* teve grande importância pelo papel político de assunção de sua posição favorável ao socialismo – chegando a ser considerada a antessala do Partido Comunista Peruano⁵, pelo fato dos seus futuros integrantes serem colaboradores frequentes da *Amauta* -; e no meio cultural foi referência para o discurso indigenista no Peru. Assim, podemos enxergar esses intelectuais da vanguarda peruana como mediadores culturais, já que conceberam um projeto em que foi feita uma transculturação do socialismo para a realidade social peruana, assim como de elementos de uma memória histórica autóctone para um projeto político socialista, procurando unir o ocidental com a tradição andina.

Além do fato de ter tido uma grande repercussão no cenário intelectual latino-americano durante o tempo em que circulou (1926-1930) e posteriormente a este, compreender a historicidade expressa nos diversos artigos publicados abre possibilidades para entender como a intelectualidade, que se reuniu em torno deste projeto estético, cultural e político, construiu um discurso indigenista e socialista que pretendeu unir tradição e modernidade, mas que, mais do que guiado por uma “Utopia Andina” ou uma “Utopia Arcaica”, foi um projeto guiado e direcionado por uma “Utopia da modernidade”.

Nessa renovação estético-político, encontrou-se um projeto político nacionalista de reconstrução da tradição histórica peruana, por isso, entendemos ser necessário trazer o pressuposto teórico de Anthony Smith acerca do nacionalismo. Ao fazer uma mescla entre as abordagens construtivistas (a nação como uma invenção moderna que se constrói e se reinventa através dos movimentos nacionalistas) e primordialistas (ideia de nação já situada no próprio passado étnico de uma comunidade), Smith caracteriza o nacionalismo como um movimento cultural e político que visa obter o ideal de independência, unidade e identidade. Segundo ele, a nação só poderia ser concebida através de um núcleo étnico-ideológico que daria força ao processo de integração de uma comunidade, que consistiria

⁵ Derivado do Partido Socialista Peruano, fundado em 1928 por José Carlos Mariátegui, Ricardo Martínez de la Torre, Julio Portocarrero, passa a se denominar Partido Comunista Peruano logo após a morte de Mariátegui, quando o partido estava sob direção de Eudocio Ravines, em 1930. Para mais sobre a polêmica em torno da mudança de PSP para PCP recomendamos FLORES GALINDO, Alberto. **La agonía de Mariátegui**: La polémica con la Komintern. Lima: DESCO, 1980.

em criar os mitos de descendência, a memória histórica e a cultura comum, que consolidariam os elementos ausentes da composição étnica com uma solidariedade mútua. (Cf. SMITH, 2004).

Desse modo, compreendemos que aí residiria a importância do incásico para o discurso indigenista presente na revista *Amauta*, pois ele aparece como o elemento mítico desencadeador de um processo no qual a nação peruana se realizaria no sentido moderno. Como vimos a *Amauta* buscou fazer uma operação de transculturação de uma tradição histórico-cultural andina para um projeto político socialista, assim como de trazer a modernidade ocidental, expressada pelo socialismo, para a reconstrução desse passado andino no presente como projeto de futuro. Então, ao pretender ser o instrumento de difusão e interlocução de uma nova tradição no Peru, a *Amauta* almejou, através da valorização dos elementos histórico-culturais autóctones, colocar a nação peruana nos trilhos da História, isto é, da modernidade.

O desafio de conciliar a modernidade com a tradição em uma perspectiva vanguardista e nacionalista esteve presente para Mariátegui, assim como para outros intelectuais latino-americanos de sua geração. A respeito disso, o historiador Hector Alimonda pontua que:

O mais forte em Mariátegui é justamente essa qualidade para transcender nesta busca do plano estético para as propostas políticas. Nesta perspectiva, é possível verificar uma total continuidade entre as suas concepções estéticas referidas à tradição nacional e as vanguardas, e a sua estratégia política de recuperação de elementos não-modernos como integrantes de uma fusão de forças sociais comprometidas com a modernização. O cerne desta visão reside precisamente na sua concepção do nacional como um contínuo heterogêneo, sujeito permanentemente a recomposições na sua relação com o resto do mundo. (ALIMONDA, 1994, p. 104).

Portanto, mais do que exaltação de um ideal utópico de restauração de um passado andino idealizado, entendemos que os intelectuais reunidos em torno da *Amauta* buscaram nesse passado incaico os elementos míticos para a construção de uma nova tradição nacional peruana – uma tradição socialista indigenista. Nesse sentido, o passado, idealizado em um projeto de futuro, seria constantemente transformado conforme o desencadeamento do processo revolucionário de realização da modernidade socialista, pois os acontecimentos passados e presentes – experiência - juntamente com a expectativa de um horizonte revolucionário que esses intelectuais tinham acerca do futuro, moldaram

o discurso indigenista-socialista presente na revista *Amauta*. Nesse sentido, a tradição autóctone é uma construção no presente realizada pela noção de História que esses intelectuais possuíam, isto é, pela compreensão e pelo diagnóstico que tinham do passado e do seu presente e pela expectativa de futuro que compartilhavam. Portanto, podemos perceber que o ideal indigenista expresso em *Amauta* foi influenciado não só pela concepção de história que esses intelectuais possuíam, mas também pela História em si, isto é, pelo impacto da modernidade nessa geração intelectual.

Em suas páginas o tempo presente foi retratado como um período de decadência do capitalismo, pois os efeitos da Primeira Guerra Mundial, da Revolução Russa, da Revolução Mexicana, dos movimentos emancipatórios na periferia mundial (China e Índia), de crise do capitalismo imperialista e de ascensão do fascismo, trouxeram a esses intelectuais a expectativa de um horizonte que, embora incerto, era revolucionário. Em suma, entendiam o período no qual viviam como uma época de clivagem histórica.

Por isso, para a análise da temporalidade expressada em *Amauta*, as noções de campo de experiência e de horizonte de expectativa propostas por Reinhart Koselleck são um importante arcabouço teórico para mostrar como se deu a construção conceitual presente nos artigos de *Amauta*, entendendo-a como uma relação entre a experiência daqueles anos conturbados sofrida por esses intelectuais e a expectativa de uma revolução mundial socialista, isto é, o impacto do que entendiam como modernidade.

A noção de experiência é definida por Koselleck como:

[...] o passado atual, aquele no qual os acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, ou que não precisam mais estar presentes no conhecimento. Além disso, na experiência de cada um, transmitida por gerações e instituições, sempre está contida e é conservada uma experiência alheia. Nesse sentido, também a história é desde sempre concebida como conhecimento de experiências alheias. (KOSELLECK, 2006, p. 309-310).

Por sua vez a expectativa:

[...] a expectativa se realiza no hoje, é futuro presente, voltado para o ainda não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto. Esperança e medo, desejo e vontade, a inquietude, mas também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade fazem parte da expectativa e a constituem. (KOSELLECK, 2006, p. 310).

Portanto, as noções de experiência e de expectativa, como categorias históricas, servem para entender não só a presença da História na *Amauta*, mas também o impacto dela. Segundo Koselleck, com a modernidade o acontecimento muda de identidade e com isso a História adquire força retroativa, modificando-se no passado (Cf. KOSELLECK, 2006, p. 286-287).

Os artigos de *Amauta* podem ser analisados, do ponto de vista historiográfico, como diagnósticos e prognósticos de uma época de ruptura, pois nesses momentos considerados de clivagem histórica, Koselleck (2006, p.294) aponta que há um fosso entre experiência e expectativa que a modernidade traz. Então, entendemos que o devir histórico colocado por esses intelectuais no programa ideológico de *Amauta* aponta para uma necessidade de ingressar na modernidade e com isso, nas palavras de Koselleck:

Os conceitos fundamentais, elaborados teoricamente, passaram a fazer parte do reservatório das palavras de ordem formadoras de opinião e legitimadoras de partidos. É o que mostra, por último, o uso excessivo que, a partir de mais ou menos 1800, se passou a fazer da palavra “tempo”, para, em meio ao turbilhão social e político, se chegar ao entendimento ou ao poder, ou a ambas as coisas. (KOSELLECK, 2006, p. 294).

E, por conseguinte, em um prognóstico colocado de um futuro em aberto, que direciona a um momento revolucionário

A experiência fundamental do movimento, da mudança em direção a um futuro aberto, foi compartilhada por todos, só tendo ocorrido disputa sobre o ritmo e sobre a direção a seguir. Esta disputa, de início restrita apenas aos que tinham poder de decisão política, se ampliou como consequência das subversões sociais, terminando por provocar a decisão de cada um, com a formação de partidos. Desde então o tempo histórico passou a exercer uma coerção à qual ninguém podia escapar. (KOSELLECK, 2006, p.295-296).

Portanto, ao buscarmos compreender a historicidade presente em *Amauta* a partir das noções de Koselleck, podemos reivindicar a história como sujeita de si mesma, já que ela se faz presente nos conceitos, pois:

Os conceitos políticos e sociais tornam-se instrumentos de controle do movimento histórico. São não apenas indicadores, mas também fatores de todas as mudanças que se estendera à sociedade civil a partir do século XVIII. Só no horizonte da temporalização se torna possível que os adversários políticos se ideologizem mutuamente. Com isso, a forma funcional da linguagem sociopolítica se modifica. Desde então a *ideologização* dos adversários passa a fazer parte do controle político da linguagem. (KOSELLECK, 2006, p. 299).

Desse modo, ao analisar os textos de *Amauta*, conforme propusemos aqui, podemos entender como o impacto dos acontecimentos mundiais, tais como a Primeira Guerra Mundial, a Revolução Russa e a Revolução Mexicana, além do ciclo de rebeliões indígenas ocorridas no Peru durante o governo de Augusto Leguía influenciaram no diagnóstico que os intelectuais fizeram de sua realidade. A noção de história que possuíam e a compreensão que tinham de que a época em que viviam era uma época de ruptura fez-se presentes nas opiniões que emitiram acerca dos acontecimentos mundiais e também no projeto que podemos ver na revista *Amauta* que foi, a partir do uso político do passado autóctone, isto é, de uma memória histórica incaica, e do materialismo histórico criar uma nova tradição peruana – que chegaria a um ideal de “Indo-América” – romper com a colonialidade presente na sociedade, com o imperialismo que mantinha a estrutura dicotômica nos países latino-americanos e com o capitalismo, que segundo esses intelectuais estaria em sua fase imperialista, a última e derradeira etapa. Além disso, pretendemos concluir que a *Amauta* para além de um projeto cultural foi um projeto político que visava criar uma tradição nova a partir da junção da tradição indígena com a modernidade socialista

As formas de organização comunitárias presentes nos *ayllus*⁶, que mesmo após séculos do fim do *Tawantinsuyo*, ainda sobreviviam na sociedade andina peruana e a memória coletiva dos levantes indígenas foram os elementos que conectariam a ideia de um passado incaico idealizado que os conceitos de “Utopia Andina” e “Utopia Arcaica” portam com a expectativa de realização da revolução socialista.

Por fim, concluímos que ao pretenderem criar uma nova tradição, partindo dos elementos de uma memória histórica autóctone, os intelectuais peruanos através de *Amauta*, usaram a História para recriar esse passado e projetá-lo para um futuro ideal utópico socialista, o qual colocaria o Peru nos trilhos da História e a modernidade socialista se realizaria. Não foi, portanto, um projeto romântico de restauração histórica ou um projeto estético baseado em uma tradição literária que remonta ao humanismo, mas sim de renovação histórica e, nesse sentido, a modernidade foi o horizonte utópico que moveu essa intelectualidade.

⁶ Palavra quéchua que significa linhagem e foi utilizada pelos administradores espanhóis para se referir as unidades agrícolas familiares indígenas. (N.A.).

Portanto, mais do que um ideal de restauração e resgate de um passado pré-colonial foi o ideal de modernidade, como mote revolucionário, presente na concepção de história que os intelectuais dessa vanguarda indigenista socialista tinham, que os guiou nessa empreitada historiográfica.

Bibliografia:

ALIMONDA, Héctor. Mariátegui: vanguardas, tradição e modernidade. **Estudos Sociedade e Agricultura**. Rio de Janeiro, nº 3, pp. 101-113, 1994.

BEIGEL, Fernanda. Mariátegui y las antinomias del indigenismo. **Utopía y Praxis Latinoamericana**, Maracaibo, vol. VI, nº13, p. 36-57, jun. 2015. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27901303>>. Acesso em: 26 jun. 2015.

BOLFARINI, Bruno Batista. **Nacionalismo e Indigenismo em José Carlos Mariátegui**: Uma ponte entre a tradição e a modernidade.

FLORES GALINDO, Alberto. **Buscando un Inca**: Identidad y Utopia en los Andes. Lima: Editorial Horizonte, 1994.

_____. **La Agonía de Mariátegui**: La polémica con la Komintern. Lima: DESCO, 1980.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

MARIÁTEGUI, José Carlos; MARTINEZ DE LA TORRE, Ricardo. (Editores). **Amauta**. Lima: Ediciones Amauta, vols. 1-32, 1926-1930. Versão digitalizada por: Ibero-Amerikanisches Institut. Berlim, Alemanha. Disponível em: <https://digital.iai.spk-berlin.de/viewer/toc/812949153/0/LOG_0000/>. Acesso em: 20 abr. 2017.

SMITH, Anthony D. **Nacionalismo**: Teoría, Ideología, Historia. Madrid: Alianza Editorial, 2004.

VARGAS LLOSA, Mario. **La utopía arcaica**: José María Arguedas y las ficciones del indigenismo. México D.F., Fondo de Cultura Económica, 1996.

ANPUH-Brasil - 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - Recife, 2019